

CONHECIMENTO É CRENÇA VERDADEIRA JUSTIFICADA?¹

IS JUSTIFIED TRUE BELIEF KNOWLEDGE?

Edmund L. Gettier

Tradução:
André Nascimento Pontes²

Nos últimos anos foram feitas várias tentativas de enunciar as condições necessárias e suficientes para que alguém conheça uma dada proposição. As tentativas têm sido frequentemente tais que elas podem ser enunciadas de maneira similar ao que é apresentado a seguir³:

- | | | |
|------------------|------------------|---|
| (a) S sabe que P | SSS ⁴ | (i) P é verdadeira |
| | | (ii) S crê que P, |
| | | e |
| | | (iii) S está justificado em crer que P. |

Por exemplo, Chisholm tem defendido que o que segue oferece as condições necessárias e suficientes para o conhecimento⁵:

- | | | |
|------------------|-----|--|
| (b) S sabe que P | SSS | (i) S aceita P |
| | | (ii) S tem uma evidência adequada para P |
| | | e |
| | | (iii) P é verdadeira. |

Ayer enunciou as condições necessárias e suficientes para o conhecimento como segue⁶:

¹ O presente artigo foi originalmente publicado em *Analysis*, vol. 23, No. 6. (Jun., 1963), pp. 121-123.

² Professor Assistente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio). E-mail: philospontes@gmail.com.

³ Platão parece ter considerado uma definição similar a esta no *Teeteto* 201 e, talvez, endossado uma no *Mênon* 98.

⁴ “SSS” é uma abreviação para “se, e somente, se” (N.T.)

⁵ CHISHOLM, Roderick M. (1957) *Perceiving: a philosophical study*. Ithaca, New York: Cornell University Press. p. 16

⁶ AYER, A. J. (1956) *The Problem of Knowledge*. London: Macmillan. p. 34.

- (c) S sabe que P SSS (i) P é verdadeira
 (ii) S está certo de que P é verdadeira
 e
 (iii) S tem o direito de estar certo que P é verdadeira.

Vou defender que (a) é falso dado que as condições que ele enuncia não constituem condições *suficientes* para a verdade da proposição de que S sabe que P. O mesmo argumento mostrará que (b) e (c) falham se “ter evidência adequada para” ou “ter o direito de estar certo que” é substituído por “está justificado em crer que”.

Começarei chamando atenção a dois pontos. Primeiramente, nesse sentido do termo “justificado” no qual o fato de S está justificado a crer que P é uma condição necessária para S saber que P, é possível para uma pessoa estar justificada a crer em uma proposição quando de fato ela é falsa. Em segundo, para qualquer proposição P, se S está justificado a crer que P e P implica Q, e S deduz Q de P e aceita Q como resultado dessa dedução, então S está justificado a crer que Q. Tendo em mente esses dois pontos, apresentarei agora dois casos nos quais as condições enunciadas em (a) são verdadeiras para alguma proposição, embora seja ao mesmo tempo falso que a pessoa em questão conhece a proposição.

Caso I:

Suponha que Smith e Jones tenham se candidatado a certo emprego. Suponha também que Smith tem forte evidência para a seguinte proposição conjuntiva:

- (d) Jones é o homem que ganhará o emprego e Jones tem dez moedas em seu bolso.

A evidência de Smith para (d) pode ser a de que o presidente da companhia lhe garantiu que, no final, seria Jones o selecionado e que ele, Smith, contou as moedas no bolso de Jones há dez minutos atrás. A proposição (d) implica:

- (e) O homem que ganhará o emprego tem dez moedas em seu bolso.

Suponhamos agora que Smith percebe a relação de implicação de (d) para (e) e aceita (e) com base em (d), para a qual ele tem forte evidência. Nesse caso, Smith está claramente justificado a crer que (e) é verdadeira.

Mas imagine, além disso, que Smith não sabe que ele próprio ganhará o emprego; e não Jones. Imagine também que Smith não sabe que ele próprio tem dez moedas em seu bolso. A

proposição (e) é então verdadeira, embora a proposição (d), a partir da qual Smith inferiu (e), seja falsa. Portanto, em nosso exemplo, todas as seguintes afirmações são verdadeiras: (i) (e) é verdadeira, (ii) Smith crê que (e) é verdadeira e (iii) Smith está justificado a crer que (e) é verdadeira. Contudo, é igualmente claro que Smith não *sabe* que (e) é verdadeira; pois (e) é verdadeira em virtude do número de moedas no bolso de Smith, ao passo que Smith não sabe quantas moedas há em seu bolso e sua crença em (e) se baseia na contagem do número de moedas no bolso de Jones, que ele falsamente acredita ser o homem que ganhará o emprego.

Caso II:

Suponhamos que Smith tem forte evidência para a seguinte proposição

(f) Jones possui um Ford

A evidência de Smith pode ser a de que, até onde ele lembra, Jones sempre possuiu um carro, que sempre foi um Ford, e que Jones ofereceu uma carona a Smith enquanto dirigia um Ford. Agora imaginemos que Smith tenha outro amigo, chamado Brown, cujo paradeiro ele ignora completamente. Smith seleciona três nomes de lugares de forma aleatória e constrói as seguintes três proposições:

(g) Jones possui um Ford ou Brown está em Boston.

(h) Jones possui um Ford ou Brown está em Barcelona.

(i) Jones possui um Ford ou Brown está em Brest-Litovsk.

Cada uma dessas proposições é implicada por (f). Imagine que Smith perceba a implicação de cada uma dessas proposições que ele construiu a partir de (f) e prossiga aceitando (g), (h) e (i) com base em (f). Smith inferiu corretamente (g), (h) e (i) a partir de uma proposição para a qual ele tem forte evidência. Smith está, portanto, completamente justificado em crer em cada um dessas três proposições. Smith, é claro, não tem a menor ideia de onde Brown está.

Mas imagine agora que duas condições adicionais ocorrem. Primeiramente, Jones *não* possui um Ford, mas atualmente ele está dirigindo um carro alugado. Em segundo, por mera coincidência, e de modo completamente desconhecido por Smith, o lugar mencionado na proposição (h) é realmente o lugar onde Brown está. Se essas duas condições ocorrem, então Smith *não* sabe que (h) é verdadeira, embora (i) (h) *seja* verdadeira, (ii) Smith crê que (h) é verdadeira e (iii) Smith está justificado em crer que (h) é verdadeira.

Esses dois exemplos mostram que a definição (a) não estabelece uma condição *suficiente* para que alguém conheça uma dada proposição. Esses mesmos casos, com mudanças apropriadas, serão suficientes para mostrar que nem a definição (b) nem a definição (c) obtêm sucesso também.
